

## UMA ANÁLISE LINGUÍSTICO-LITERÁRIA DA CONSTRUÇÃO IRÔNICA DO DISCURSO EM “ADÃO E EVA NO PARAÍSO”, DE EÇA DE QUEIROZ

Danielle Reis Araújo<sup>1</sup>

João Paulo da Silva Nascimento<sup>2</sup>

**RESUMO:** O presente artigo analisa a construção linguístico-literária do conto “Adão e Eva no Paraíso” (1988), de Eça de Queiroz. Focalizam-se marcas da construção discursiva irônica a partir da abordagem de características linguísticas presentes na obra, de modo a identificar possíveis relações entre as escolhas do autor e questões outras atinentes à simbiose Literatura x História, no que se refere à transposição de discursos vigentes na sociedade para obras literárias. Balizamos, assim, o olhar tanto por pressupostos comparatistas que consideram a Literatura como modo de ler a realidade espaço-temporal em uma correspondência intersignica (BARTHES, 1977; BENJAMIN, 1987; CARVALHAL, 2006 [1943]; LOURENÇO, 1978), quanto por pressupostos da análise do discurso (MAINGUENEAU, 1995; BAKHTIN, 1990; 1995). Chamamos atenção especial à resignificação do discurso teocêntrico com apetrechos notadamente realistas como, ao mesmo tempo, modo de subvenção literária e expressão de críticas a uma realidade pré-concebida em contraste com o cientificismo emergente.

**Palavras-Chave:** Literatura e História. Teocentrismo vs. Cientificismo. Ironia queirosiana.

### A LINGUISTIC-LITERARY ANALYSIS FOR THE IRONIC CONSTRUCTION OF THE DISCOURSE IN “ADÃO AND EVA IN PARADISE”, BY EÇA DE QUEIROZ

**ABSTRACT:** This article analyzes the linguistic-literary construction of the short story “Adão e Eva no Paraíso” (1988), by Eça de Queiroz. Marks of ironic discursive construction are focused on from the approach of linguistic characteristics present in the work, in order to identify possible relationships between the author's choices and other issues related to the Literature x History symbiosis, regarding the transposition of current discourses in the society for literary works. Thus, we base our gaze both on comparative assumptions that consider Literature as a way of reading space-time reality in an intersign correspondence (BARTHES, 1977; BENJAMIN, 1987; CARVALHAL, 2006 [1943]; LOURENÇO, 1978), and by assumptions of discourse analysis (MAINGUENEAU, 1995; BAKHTIN, 1990; 1995). We draw special attention to the re-signification of theocentric discourse with remarkably realistic devices as, at the same time, a literary subsidy mode and an expression of criticism of a preconceived reality in contrast to the emerging scientism.

**Keywords:** Literature and History. Theocentrism vs. Scientism. Querosian irony.

<sup>1</sup> Mestranda em Estudos Literários pelo Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-1038-4760>. E-mail: [dannyreisaraujo@gmail.com](mailto:dannyreisaraujo@gmail.com).

<sup>2</sup> Mestrando em Estudos Linguísticos pelo Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Orcid ID: <https://orcid.org/0000-0001-8392-4265>. E-mail: [jpn0401@gmail.com](mailto:jpn0401@gmail.com).

Como pontapé inicial para as reflexões aqui pleiteadas, pensemos, primeiramente, em um arranha-céu e em uma pessoa comum a observá-lo de longe. Curiosa, podemos supor que essa pessoa venha a desafiar-se à apreensão da dimensão do edifício por completo – tarefa que naturalmente exigirá muito esforço de suas vistas limitadas. Embora ela possa construir certa noção do tamanho que o prédio tenha, essa aferição pode não passar de mera especulação, uma vez que visualizá-lo de fora não faz com que se tenha conhecimento conciso a seu respeito. Então, a fim de que essa mesma pessoa curiosa possa inteirar-se da proporcionalidade de nosso hipotético arranha-céu, ela necessitará percorrer por todos os andares rumo ao último, de modo que, ao final, possa vislumbrar panoramicamente sua magnificência.

Da mesma maneira, comportam-se obras literárias, sejam narrativas, sejam poesias. Ou seja, para que possam ser compreendidas em suas abrangências, não lhes cabem leituras equivocadas, incompletas e despreziosas, uma vez que resguardam interpretações indecodificáveis pela mera contemplação da superfície – o que requer, portanto, um rigor apreciativo. Especificamente sobre o conto, gênero eleito como protagonista para figurar nesta análise, essa comparação entre obras literárias e arranha-céus pode ser lida à luz da ideia de que um conto sempre conta duas histórias e a história secreta é a chave de sua forma e de suas variantes (PIGLIA, 2004).

A análise literária que incida sobre textos integrantes do gênero conto deve seguir um caminho analítico não só capaz de enxergar o universo oculto construído no espaço do escrito, como nos adverte Piglia (2004), como também de destrinchar, de modo coerente, as conceptualizações de mundo neles expressas. Em outras palavras, para que a leitura construída contemple a arquitetura de um conto em suas máximas, deve-se ir além do aspecto transitório entre mundos que a obra abarca, ou seja, deve-se considerar as estratégias que focalizam um ou outro elemento da narrativa com vistas à ressignificação poética da realidade preterida pelo escritor.

Por isso, Cortázar (1999, p. 352) situa que “o tempo do conto e o espaço do conto precisam estar como que condensados, submetidos a uma alta pressão espiritual e formal para provocar a ‘abertura’”. Os significados de um conto, portanto, não podem unicamente deter-se à esfera temática segundo a qual o escrito se estrutura; ao contrário, é a restauração

literária deste próprio tema, propiciada pela técnica e destreza do contista, que deve constituir o foco da análise. Diante disso, pode-se compreender que

O elemento significativo do conto parece residir principalmente no seu tema, no fato de eleger um acontecimento real ou fingido que possua a misteriosa propriedade de irradiar algo para além de si mesmo, a ponto de transformar um vulgar episódio doméstico [...] no resumo implacável de determinada condição humana ou no símbolo ardente de uma ordem social ou histórica. Um conto é significativo quando quebra seus próprios limites com uma explosão de energia espiritual que ilumine bruscamente algo que chega muito além do pequeno e às vezes miserável episódio que conta. [...] uma espécie de ruptura do cotidiano que vai muito além do episódio relatado (CORTÁZAR, 1999, p. 352).

Como analisar uma obra literária requer uma série de escolhas a respeito de quais enquadramentos serão privilegiados, bem como acerca de quais opções teórico-críticas serão trazidas à tona para o contexto da leitura, obviamente, a questão da significação de contos sobre a qual discorre Cortázar (1999) mostrará contornos ora mais protagonistas, ora menos centrais. Além disso, deve-se também ter em vista que uma determinada escolha metodológica em detrimento de outras tantas possíveis para a abordagem de contos pode abarcar ênfases em determinados elementos da narrativa, atentando-se, portanto, a aspectos que talvez não sejam tão bem elucidados em um percurso analítico distinto.

Tais ponderações são oportunas ao contexto deste trabalho, visto que optamos pelo aparato teórico da análise do discurso (MAINGUENEAU, 1995; BAKTHIN, 1990; 1995) em sua interface com os estudos comparatistas, sobretudo aqueles que enfatizam a relação entre literatura e história social (BARTHES, 1977; BENJAMIN, 1987; CARVALHAL, 2006 [1943]; LOURENÇO, 1978). Ao aderirmos, então, a essa união, buscamos, por meio da abordagem do conto “Adão e Eva no Paraíso”(1988), de Eça de Queiroz, demonstrar a maneira como “os signos só existem na medida em que são reconhecidos, isto é, na medida em que se repetem” (BARTHES, 1977, p. 14).

Ao analisar o discurso literário com ênfase em sua construção influenciadora dos elementos de uma narrativa, Maingueneau (1995) perfaz um caminho tangenciando a questão da paratopia criadora, da embreagem paratópica e da subjetivação do espaço canônico e do espaço associado. De maneira geral, o conceito de “paratopia” compreende o

espaço em que a obra literária se circunscribe, ou seja, no limiar entre o factível e o fictício. Sendo assim, delimita-se como a interseção entre o espaço que diz respeito à sociedade, de fato, e aquele ficcionado, muita das vezes corroborado pela condição de exílio social experimentada por diversos escritores de literatura.

A criação literária paratópica, assim, refere-se à maneira como os escritores constroem suas enunciações, partindo de um *locus* anterior para criação de um *locus* alternativo, consubstanciado pelo paradoxialismo próprio à realidade da Literatura. Dessa maneira, a Literatura, pensada a partir dos pormenores da paratopia de Maingueneau (1995), conflui tanto a impossibilidade de encerramento em si, quanto a possibilidade de, no jogo de linguagem, confundir-se com o lugar pré-existente de que emergira, ou seja, com a própria sociedade – abarcando, portanto, conflitos discursivos correspondentes às mais diversas camadas sociais.

Se olharmos sob as lentes de Bakhtin (1990, p. 51)<sup>3</sup>, quem considera aspectos pluriestilísticos, plurilíngues e plurivocais a respeito de uma narratividade, podemos compreender a obra literária como “um processo de transformação sistemática de um conjunto verbal, compreendido linguística e composicionalmente, no todo arquitetônico de um evento esteticamente acabado”. Em sua concepção,

Todo o romance, em maior ou menor escala, é um sistema dialógico de imagens das linguagens, de estilos, de concepções concretas e inseparáveis da língua. A língua do romance não só representa, mas ela própria é objeto de representação. A palavra romanesca é sempre autocrítica (BAKHTIN, 1990, p. 371).

Esse aspecto discursivo ressaltado por Bakhtin (1990) mostra-se imprescindível à análise da relação estabelecida entre Literatura e História, uma vez que ao considerarmos esta como “objeto de uma construção cujo lugar não é o tempo homogêneo e vazio, mas um tempo saturado de ‘agoras’” (BENJAMIN, 1987, p. 229), podemos contemplar a Literatura, em seu potencial discursivo, como um sistema de constante resignificação do mundo e de seus fatos.

---

<sup>3</sup>O autor se detém, sobretudo, ao Romance. No entanto, para o contexto deste trabalho, julgamos oportunas suas considerações também para o conto.

Em se tratando da Literatura Portuguesa, é notória, desde a tradição trovadoresca, a relação entre *locus* literário e *locus* histórico em diversas obras emblemáticas, tais como *Os Lusíadas* (1572) e *Viagens na minha terra* (1846), de Camões e Almeida Garrett, respectivamente. De acordo com Nascimento e Araújo (2020, p. 282), isso ocorre em virtude de “a identidade cultural portuguesa estabelece[r] uma estrita relação com a disseminação de mitos atrelados ao valor de Portugal, os quais, dentre muitas atribuições, conferiram força à afirmação e ao avanço da nação”. Assim, “tal característica portuguesa expõe a máxima empirista da proximidade entre mitologia e história, abrindo caminho à tradição literária e ao modo como esta se reflete na criação de uma identidade basilar” (NASCIMENTO; ARAÚJO, 2020, p. 282).

Volviendo o olhar para além do Humanismo e do Romantismo, percebemos marcas de diversos outros jogos discursivos em outros instantes da historiografia literária portuguesa. Um desses momentos, por exemplo, é a literatura reacionária aos ideais românticos que se estabeleceu em Portugal a partir da segunda metade do século XIX, a qual ficou conhecida por sua estética realista em meio a um contexto histórico-social demarcado pelo desenvolvimento da segunda fase da Revolução Industrial por toda Europa, bem como pela emergência de discursos cientificistas fundamentados, sobretudo, por ideias do evolucionismo darwiniano.

O Realismo, assim, trata-se de uma tendência estética centrada na retratação literária de visões de mundo objetivistas e cientificistas, na expressão do materialismo em contraposição ao sentimentalismo, na construção de críticas ao sistema monárquico e às instituições sociais vigentes. Por isso, segundo Santos (2003, p. 23),

Havia, portanto, a partir da oficialização do Realismo como processo artístico-literário em Portugal, a necessidade de todos os representantes da nova estética lançarem aos seus leitores a corrupção nos sistemas portugueses, a decadência do próprio país, se comparado a outros países europeus, decadência esta que se acentuava desde o período das grandes navegações, bem como a vergonhosa relação clerical em território lusitano, com todos os seus dogmatismos e a falta de vergonha escancarada entre as quatro paredes mestras das simples igrejas ou dentro das belíssimas e suntuosas catedrais.

Com a chamada “Geração de 70”<sup>4</sup>, o movimento realista atingiu seu ápice. Sem dúvidas, um dos maiores representantes dessa geração e do Realismo como um todo foi Eça de Queiroz – autor protagonista deste ensaio – cuja obra em geral compreende um conjunto de ornamentações literárias que retratam criticamente aspectos do cotidiano. Focalizando a aristocracia, o potencial influenciador do clero sobre as relações sociais e as peripécias burguesas, Eça de Queiroz destacou-se por seus romances *O primo Basílio* (1878) e *O crime do Padre Amaro* (1875) – dois grandes proponentes das literaturas em língua portuguesa.

Atinente a esta análise, detemo-nos ao conto “Adão e Eva no Paraíso” (1988)<sup>5</sup>, com vistas à interpretação do modo como Eça de Queiroz se apropria de um discurso com o qual parece não concordar – o religioso – e o remodela, de modo a construir uma narratividade de tendência realista. A partir da leitura que propomos, centramos nosso olhar à linguagem elaborada pelo autor em sua perspicácia altamente irônica e crítica, incidindo sobre o conflito e a sobreposição de discursos hegemônicos e emergentes do século XIX. Em outros termos, ao tomarmos como escopo a construção linguística do referido conto, traçamos um percurso que busque salientar que “toda imagem artístico-simbólica ocasionada por um objeto físico particular já é um produto ideológico (...) que sem deixar de fazer parte da realidade material, passa a refletir e a refratar, numa certa medida, outra realidade” (BAKHTIN, 1995, p. 31).

A ironia queirosiana não se trata de uma novidade dentre estudiosos e críticos da literatura portuguesa, destacando-se, portanto, como uma peculiaridade do autor. Na ocasião de “Adão e Eva no Paraíso” (1988), não é diferente: nota-se uma construção singular de mundo, a qual se dá pela reformulação de um discurso há muito recorrente na sociedade católica portuguesa, a saber, o discurso religioso. Passemos, portanto, à análise de alguns excertos do conto, a fim de demonstrar como a ironia se estabelece pela contraposição entre discursos teocêntricos e criacionistas, de um lado, e cientificistas e evolucionistas, de outro.

Partindo da metáfora bíblica, Eça de Queiroz, em “Adão e Eva no Paraíso” (1988), ornamenta uma narrativa dividida em três capítulos que, juntos, dão forma à sua maneira realista de conceber a gênese do mundo. A linguagem do conto é marcada, sobretudo, por

---

<sup>4</sup>Grupo composto por, dentre outros, Eça de Queiroz, Antero de Quental, Teófilo Braga, Guerra Junqueiro, Manuel de Arriaga e Oliveira Martins. Estes eram influenciados diretamente por Victor Hugo, Heine e Michelet.

<sup>5</sup> Esta não é a data de publicação do original, mas a da edição lida para esta análise, a qual se encontra oportunamente citada nas referências bibliográficas. A data original não foi recuperada em nossas buscas.

excessos descritivos, os quais detalham pormenorizadamente não só os eventos narrados, como também o cenário em que esses se estabelecem. Essa descrição engenhosa – típica de Eça de Queiroz – imprime-se em uma linguagem altamente trabalhada, a qual demanda do leitor uma certa atenção e cuidado.

No capítulo primeiro, Eça dedica-se à descrição da criação do mundo e de Adão, por ele referenciado como “Pai dos Homens”. Neste instante, alça à apropriação dos discursos teocêntricos e criacionistas de modo irônico, com o intuito de defender sua posição racionalista e alinhada ao discurso científico. Suas escolhas linguísticas, então, esculpem esse propósito, o que pode ser percebido já na primeira frase do conto – “Adão, Pai dos Homens, foi criado no dia 28 de outubro, às 2 horas da tarde...” (QUEIROZ, 1988, p. 2).

Ao situar uma data e um horário próprios para o evento mais importante da humanidade, isto é, sua criação<sup>6</sup>, Eça de Queiroz parece tratar com ironia aquilo que seria da ordem do divino. Assume, com isso, o implícito de sua própria autoria como a gênese, ou seja, coloca-se no lugar do criador e ao fazê-lo transporta para as mãos do homem, humano e carnal, o feito originário de sua espécie.

Ainda na primeira página do conto, nota-se uma remissão à teoria do heliocentrismo, de Galileu Galilei:

Nesses tempos, meus amigos, o Sol ainda girava em torno da Terra. Ela era moça e formosa e preferida de Deus. Ele ainda se não submetera à imobilidade augusta que lhe impôs mais tarde, entre amuados suspiros da Igreja, mestre Galileu, estendendo um dedo do fundo do seu pomar, rente aos muros do Convento de S. Mateus de Florença. E o Sol, amorosamente, corria em volta da Terra, como o noivo dos Cantares, que, nos lascivos dias da ilusão, sobre o outeiro de mirra, sem descanso e pulando mais levemente que os gamos de Galaad, circundava a Bem Amada, a cobria com o fulgor dos seus olhos, coroados de sal-gema, a faiscar de fecunda impaciência. (QUEIROZ, 1988, p. 2).

Neste trecho, percebe-se que a polidez e as comparações feitas por Eça de Queiroz – marcadas por escolhas como “meus amigos”, “ainda”, “fecunda impaciência” –

---

<sup>6</sup>A delimitação espaço-temporal também se vê para as outras etapas do processo de criação, como mostra a passagem: “Agora, durante os dias genesíacos de 26 e 27, toda ela se completara, se abastecera e se enfeitara, para acolher condignamente o Predestinado que vinha” (QUEIROZ, 1998, p. 2).

encarregam-se de promover a confluência irônica dos discursos em conflito no contexto do século XIX. Tal característica, além de ser um indicador da estética queirosiana, mostra-se também uma clara relação entre a obra e a história, o que, para autores como Lourenço (1978) e Carvalhal (1943), não deve ser deixado à parte em análises de textos literários.

Não só a ideia heliocêntrica figura como protagonista do discurso cientificista proposto por Eça de Queiroz em *Adão e Eva no Paraíso* (1988), como também o pensamento evolucionista de Darwin. Este, por sua vez, aparece no momento em que é dada a referência de criação do homem, da maneira mais controversa e irônica quanto possível. A passagem abaixo apresenta o momento em que o autor atrela a criação do Pai dos Homens ao percurso evolutivo:

Então, numa floresta muito cerrada e muito tenebrosa, certo Ser, desprendendo lentamente a garra do galho de árvore onde se empoleirara toda essa manhã de longos séculos, escorregou pelo tronco comido de hera, pousou as duas patas no solo que o musgo afofava, sobre as duas patas se firmou com esforçada energia, e ficou ereto, e alargou os braços livres, e lançou um passo forte, e sentiu a sua dessemelhança da Animalidade, e concebeu o deslumbrado pensamento do que era, e verdadeiramente foi! Deus, que o amparara, nesse instante o criou. E vivo, da vida superior, descido da inconsciência da árvore, Adão caminhou para o Paraíso. Era medonho. Um pêlo crespo e luzidio cobria todo o seu grosso, maciço corpo, rareando apenas em torno dos cotovelos, dos joelhos rudes, onde o couro aparecia curtido e da cor de cobre fosco. Do achatado, fugidio crânio, vincado de rugas, rompia uma guedelha rala e ruiva, tufando sobre as orelhas agudas. Entre as rombas queixadas, na fenda enorme dos beiços trombudos, estirados em focinho, as presas reluziam, afiadas rijamente para rasgar a febra e esmigalhar o osso. (QUEIROZ, 1988, p. 2-3).

Além desse excerto destacado, outras marcas dessa construção queirosiana podem ser vistas ao longo da leitura de todo o conto, tais como os parênteses em que Eça expõe seus comentários hiper-realistas e irônicos (e.g. “(se os Compêndios de Antropologia nos não iludem) (...)” (QUEIROZ, 1988, p. 3)) e algumas escolhas combinatórias de palavras para se referir ao homem recém formado (e.g. “Liberto da Animalidade, em caminho para a humanização (...)” (QUEIROZ, 1988, p. 3)).

Atentemo-nos aos adjetivos em destaque na passagem abaixo:



Mas dentro dele borbulha, não cessa, a nascente sublime, a sublime nascente da Energia, que o impele a desentranhar da crassa bruteza, e a ensaiar, com esforços que são **semipenosos** porque são já **semilúcidos**, os Dons que estabelecerão a sua supremacia sobre essa Natureza incompreendida e o libertarão do seu terror. (QUEIROZ, 1988, p. 5. Grifos nossos).

Da mesma maneira, os adjetivos “semilúcidos” e “semipenosos” são utilizados para distanciar a concepção de “criação perfeita, à imagem e semelhança de Deus”, como preconizado pelo criacionismo. Ao contrário, Eça de Queiroz apresenta-nos a um Adão a partir do percurso proposto pela Ciência como hipótese de surgimento do *homo sapiens*. Inclusive, pode-se ver o mesmo quanto ao desenvolvimento da linguagem:

Adão solta roucas exclamações, gritos com que desafoga, vozes gaguejadas, em que por instinto reproduz outras vozes, e brados, e toadas, e mesmo o reboiço das criaturas, e mesmo o estrondo das águas despenhadas... E esses sons ficam já na escura memória de nosso Pai ligados às sensações que lhes arrancam (...) A Bíblia, com a sua exageração oriental, cândida e simplista, conta que Adão, logo na sua entrada pelo Éden, distribuiu nomes a todos os animais, e a todas as plantas, muito definitivamente, muito eruditamente, como se compusesse o Léxico da Criação, entre Buffon, já com os seus punhos, e Lineu, já com os seus óculos. Não! eram apenas grunhidos, roncões mais verdadeiramente augustos porque todos eles se plantavam na sua consciência nascente como as toscas raízes dessa Palavra pela qual verdadeiramente se humanou, e foi depois, sobre a terra, tão sublime e tão burlesco. Eheu! Eheu! Depois, alongando os olhos reluzentes por aquela longa água que corria vagarosamente para além, já tenta exteriorizar o seu espantado sentimento dos espaços, e rosna com pensativa cobiça: Lhlâ!Lhlâ!(QUEIROZ, 1988, p. 5).

É importante situar que o discurso evolucionista, da maneira como introduzido no conto por Eça de Queiroz, deve ser lido como uma forte crítica à hegemonia católica que, no contexto do século XIX, opunha-se à Ciência como uma via explanatória possível para os fatos do mundo. Essa crítica queirosiana, também presente em outras de suas obras, ilustra a expressão máxima do Realismo em Portugal como um movimento literário que “dá-nos representações do homem em perpétuo devir enquanto ele se modifica no decurso da história.” (SEQUEIRA, 1940, p. 9).

Avançando ao capítulo segundo, são introduzidas outras imagens relativas ao discurso científico, como, por exemplo, figuras pré-históricas não relatadas na Bíblia. A passagem abaixo, selecionada a título de exemplo, demonstra o encontro entre Adão e um dinossauro:

Por essas feições, pouco amáveis, já reconhecestes o Ictiossauro, o mais horrendo dos cetáceos concebidos por Jeová. Era ele! — talvez o derradeiro, que durara nas trevas oceânicas até esse dia memorável de 28 de outubro, para que nosso Pai entrevisse as origens da Vida. E agora está em frente de Adão, ligando os tempos velhos aos tempos novos — e, com as escamas do dorso assanhadas, muge devastadoramente. Nosso Pai venerável, enroscado ao tronco alto, guincha de vivo horror... E eis que, do lado dos charcos enevoados, um silvo fende os céus, uivado e arremetido, como o de um áspero vento numa garganta de serrania. O quê? Outro monstro?... Sim, o Plesiossauro. É também o derradeiro Plesiossauro que corre do fundo dos pântanos. E agora de novo se trava, para assombro do primeiro Homem (e gosto dos paleontologistas) o combate que foi a desolação dos pré-humanos dias da Terra (QUEIROZ, 1988, p. 8).

Observa-se, mais uma vez, a engenhosidade de Eça de Queiroz ao ressignificar o discurso criacionista acrescentando-lhe aspectos do discurso científico a respeito do surgimento dos seres no mundo. Na verdade, podemos ir mais além e dizer que Eça de Queiroz toma o discurso hegemônico como um “trampolim” para, através da ironia, legitimar sua inconsistência frente ao discurso racional.

O mesmo se verifica ao final do capítulo dois, quando Eça traz à narrativa a figura de Eva, a quem atribui o epíteto de “Mãe Venerável”:

A aurora despontou, com ardente pompa, comunicando à terra alegre, à terra braviamente alegre, à terra ainda sem andrajos, à terra ainda sem sepulturas, uma alegria superior, mais graves, religiosa e nupcial. Adão acordou: e, batendo as fuscas pálpebras, na surpresa do seu acordar humano, sentiu sobre a ilharga um peso macio e que era doce. Nesse terror que, desde as árvores, não desamparava o seu coração, pulou e com tão ruidoso pulo que, pela selva, os melros, os rouxinóis, as toutinegras, todos os passarinhos de festa e de amor, despertaram e romperam num canto de congratulações e de esperanças. — E, oh maravilha! diante de Adão, e como despedado dele, estava outro Ser a ele semelhante, mas mais esbelto, suavemente coberto dum pêlo mais sedoso, que o contemplava com largos olhos lustrosos e líquidos. Uma coma ruiva, dum ruivo tostado, rolava, em espessas ondas, até às suas ancas arredondadas

numa plenitude harmoniosa e fecunda. De entre os braços peludinhos, que cruzara, surdiam, abundantes e gordos, os dois peitos da cor do medronho, com uma penugem crespa orlando o bico, que se enristava, intumescido. E roçando, num roçar lento, num roçar muito doce, os joelhos pelados, todo aquele sedoso e tenro Ser se ofertava com uma submissão pasmada e lasciva. Era Eva... Eras tu, Mãe Venerável! (QUEIROZ, 1988, p. 10).

Nota-se que o surgimento de Eva é narrado por Eça de Queiroz como um evento extraordinário proposto como um momento de suma importância para o avançar da humanidade pela sua constituição evolutiva no Paraíso. Apesar de sua descrição ser semelhante a de Adão em termos de seu aspecto de *homo sapiens* paleolítico, Eva, a figura que será central para a continuidade humana no conto, veio à tona de modo semelhante à narrativa bíblica, ou seja, por meio de um ato divino. Assim, sua aparição destaca-se como mais um exemplo da confluência discursiva expressa por Eça de Queiroz, o que entrega a literalidade da narrativa.

No derradeiro capítulo do conto, são narradas as vivências de Adão e Eva no paraíso agora tomado como um local abominável, marcado por perigos e condições precárias de sobrevivência. Esse aspecto sombrio do Jardim do Éden<sup>7</sup> encarrega-se de demonstrar que, na verdade, Adão e Eva parecem nadar na contramão de uma vida supostamente paradisíaca, como conta o mito bíblico, mas que é, no mundo imaginado de Eça de Queiroz, regido pelas leis do medo, da fome e do furor. A passagem abaixo ilustra essa característica propositalmente arquitetada por Eça de Queiroz:

O seu constante e desesperado esforço foi sobreviver — no meio duma Natureza que, sem cessar e furiosamente, tramava a sua destruição. E Adão e Eva passaram esses tempos, que os poemas semíticos celebram como Inefáveis — sempre a tremer, sempre a ganhar, sempre a fugir! A terra ainda não era uma obra perfeita: e a Divina Energia, que a andava compondo, incessantemente a emendava, numa tão móbil inspiração que, em sítio coberto ao alvorecer por uma floresta, à noite se espelhava uma lagoa onde a Lua, já doente, vinha estudar a sua palidez (QUEIROZ, 1988, p. 10).

---

<sup>7</sup>Essa característica do local não é mencionada somente no capítulo III, mas, ao contrário, se faz presente desde o início do conto. Porém, deve-se destacar que é somente neste capítulo que há uma ênfase na condição nefasta do local, que passa a ser associado a uma “selva perigosa”.

É, pois, neste capítulo que Eça de Queiroz narra, de modo mais diligente, a dinâmica de vida do *homo sapiens*, desconstruindo quase que por completo todos os apetrechos do mito cristão e produzindo um mundo, portanto, realista. Há expressão máxima dessa poética quando é mencionada a questão da fome, por exemplo, que assemelha os pais da raça humana ao que de fato eram: animais em potencial evolução à condição de humanos. Esse aspecto é visto no trecho abaixo reproduzido:

E no meio de tantos perigos, constantes e flagrantes, era necessário comer! Ah, Comer — que portentosa empresa para nossos Pais veneráveis! Sobretudo desde que Adão (e depois Eva, por Adão iniciada), tendo já provado os deleites fatais da carne, já não encontrava sabor, nem fartura, nem decência nos frutos, nas raízes e nos bagos do tempo da sua Animalidade. Certamente, as boas carnes não faltavam no Paraíso. Delicioso seria o salmão primitivo — mas nadava alegremente nas águas rápidas. Saborosa seria a galinhola, ou o faisão rutilante, nutridos com os grãos que o Criador considerara bons — mas voavam nos céus, em triunfal segurança. O coelho, a lebre — que fugas ligeiras no mato cheirosos!... E nosso Pai, nesses dias cândidos, não possuía o anzol nem a seta. Por isso, sem cessar rondava em torno das lagoas, nas ribas do mar, onde casualmente encalhava, boiando, algum cetáceo morto. Mas esses achados de abundância eram raros — e o triste casal humano, nas suas marchas famintas pela borda das águas, só conquistava, aqui e além, na rocha ou na areia revolta, algum feio caranguejo em cuja dura casca os seus beiços se esgaçavam. Decerto, a sua ciência hereditária de trepar às arvores socorria nossos Pais nessa conquista da presa. Que, sob as ramarias da caneleira de onde eles, assolapadamente, espreitavam, aparecesse algum cabrito desgarrado, ou uma tartaruga moça e bisonha se arrastasse para a erva miúda — e eis o repasto seguro! Num relance, o cabrito ficava atassalhado, todo o seu sangue chupado em sorvos convulsos: e Eva, nossa Mãe forte, guinchando sombriamente, arrancava, uma a uma, de entre a casca, as patas da tartaruga... Mas quantas noites, depois de jejuns angustiosos, se achavam os Eleitos da Terra forçados a afugentar a hiena, com rijos brados, através das clareiras, para lhe roubar um osso fétidamente babujado, que era já o sobejo de um leão morto! E dias piores sucediam, em que a fome reduzia nossos Pais a retrogradar à desgostosa frugalidade do tempo da Árvore, às ervas, aos rebentos, às raízes amargas — conhecendo assim, entre a abundância do Paraíso, a primeira forma de Miséria! (QUEIROZ, 1988, p. 11-12).

Vale atenção também à passagem em que Eça de Queiroz situa o alcance do *status* humano por parte de Adão e de Eva. Ironicamente, a condição de humanidade é representada como uma condição de superioridade em relação às outras espécies que habitavam o paraíso.

Portanto, “ser um humano completo”, na lógica queirosiana a respeito dos princípios da Terra, significa o domínio de estratégias de sobrevivência que incluíssem, necessariamente, o direito à imposição de si como espécie dominante – o que faz menção à seleção natural de Darwin, como se pode ver na seguinte passagem:

Era já um Homem, e superior, quando lançou um passo espantado e arrancou o pau do seio do monstro estendido e lhe mirou a ponta gotejante de sangue — com a testa toda franzida, no afã de compreender. Os seus olhos resplandeceram, num deslumbrado triunfo. Adão compreendera... (QUEIROZ, 1988, p. 13).

A partir deste momento em que Adão e Eva tomam conhecimento de suas condições em detrimento das outras criações, passam a ser narrados alguns episódios da vida cotidiana dos dois *hominines sapiens* paleolíticos que marcam grandes feitos da humanidade. Tais eventos incluem o descobrimento do fogo, a domesticação de animais, a invenção da técnica de assar carnes para consumo, a utilização de peles de animais como roupas e produtores de instrumentos, a construção de moradias compartimentadas em áreas próprias etc.

Aliás, diferentemente de como é retratada na Bíblia a queda de Eva em tentação, para Eça de Queiroz esse seria um motivo imprescindível para a história da humanidade, como se vê na passagem abaixo:

E quanto lhe não deve a Humanidade! Recordemos, meus irmãos, que nossa Mãe, com aquela adivinhação superior que mais tarde a tornou Profetisa e Sibila, não hesitou, quando a Serpente lhe disse, coleando entre as Rosas: – “Come do fruto do Saber, que os teus olhos se abrirão e serás como os Deuses sabedores!” Adão teria comido a serpente, bocado mais suculento. Nem acreditaria em frutos que comunicam a Divindade e Sapiência, ele que tanta fruta comera nas árvores e se conservava insciente e bestial como o urso e o auroque. Eva, porém, com a credulidade sublime que sempre no mundo opera as transformações sublimes, comeu logo a maçã, e a casca, e a pevide. E persuadindo Adão a que partilhasse do transcendente pomo, muito doce e enredosamente o convenceu do proveito, da felicidade, da glória e da força que dá o Saber! Esta alegoria dos poetas do Gênesis, com esplêndida subtileza, nos revela a imensa obra de Eva nos anos dolorosos do Paraíso. Por ela Deus continua a Criação superior, a do Reino espiritual, a que desenrola sobre a terra o lar, a família, a tribo, a cidade. É Eva que cimenta e

bate as grandes pedras angulares na construção da Humanidade. (QUEIROZ, 1988, p. 15).

Percebe-se, então, que o conceito de “tentação” – e mesmo o de “pecado” – são altamente minados por Eça de Queiroz em vista de sua composição narrativa acerca da criação do mundo. Isento de quaisquer marcas herméticas, mas tomando a ironia como instrumento, mais uma vez, o escritor critica as lógicas da crença face à dinâmica racional, ao passo que demonstra sua predileção por esta em relação àquela.

Ao final do conto, a figura de Deus é reintroduzida por Eça de Queiroz, quando este aponta que o “Criador contempla, pensativo, o crescer da humanidade”. É instigante reparar que a escolha pelo sintagma “o crescer” parece aludir que Deus, em toda sua magnificência construída por uma tradição bíblica, contempla, na verdade, a concepção evolucionista da raça humana que só pode ser fornecida pela Ciência, consoante a lógica queirosiana. Isso se confirma na conclusão a que Deus chega após a observação dos feitos de Adão e Eva para a sobrevivência no paraíso: “E agora que acendi, na noite estrelada do Paraíso, com galhos bem secos da Árvore da Ciência, este verídico lar, consenti que vos deixe, oh Pais veneráveis!” (QUEIROZ, 1988, p. 17).

Há, neste aspecto, uma menção ao antropocentrismo em detrimento do teocentrismo, que, no conto, é disposta por Eça de Queiroz pelo reconhecimento que Deus confere a Adão e Eva:

Já não receio que a Terra instável vos esmague; ou que as feras superiores vos devorem; ou que, apagada, à maneira duma lâmpada imperfeita, a Energia que vos trouxe da Floresta, vós retrogradeis à vossa Árvore. Sois já irremediavelmente humanos — e cada manhã progredireis, com tão poderoso arremesso para a perfeição do Corpo e esplendor da Razão, que em breve, dentro dumas centenas de milhares de curtos anos, Eva será Helena e Adão será o imenso Aristóteles. (QUEIROZ, 1988, p. 17).

Nessa passagem, especificamente, pode ser vista a expressão aguda do Realismo literário, a partir do remanejamento do centro do universo da figura divina à figura humana. Dessa maneira, a ironia passa a constituir um proponente central à difusão de discursos realistas que foram cruciais à constituição da sociedade do século XIX e de seus valores tendenciosos à crítica.

Por fim, um último aspecto pode ser ressaltado do conto “Adão e Eva no Paraíso” (1988), qual seja, a dicotomia entre “amar a Deus” e “compreender Deus” que se vê no período final da obra e que é reproduzido integralmente abaixo:

Desde que nosso Pai venerável não teve a providência ou a abnegação de declinar a grande Supremacia — continuemos a reinar sobre a Criação e a ser sublimes... Sobretudo continuemos a usar, insaciavelmente, do dom melhor que Deus nos concedeu entre todos os dons, o mais puro, o único genuinamente grande, o dom de o amar — pois que não nos concedeu também o dom de o compreender (QUEIROZ, 1988, p.18).

Contrapor “amar” e “compreender”, no contexto realista, mostra-se absolutamente relevante no que compete à preferência da compreensão racional do mundo às artimanhas irracionais, que podem vir travestidas pelo sentimentalismo, como outrora vinham no Romantismo. Na ocasião específica do conto analisado, além do retrato dessa dicotomia, tomando Deus como objeto de ambos os verbos contrastados, pode-se ler uma crítica à concepção cristã do mundo, uma vez que ao apontar que o ser supremo não teria concedido aos humanos a capacidade de compreendê-lo e tão-somente de amá-lo, faz-se nítido o comportamento da Igreja que tentava dispersar críticas à sua constituição política com o pretexto da devoção. Ou seja, ao findar seu conto com essa frase, Eça de Queiroz, mais uma vez valendo-se da sutileza irônica que lhe é peculiar, tece ponderações a respeito das estruturas sociais dominantes.

De fato, debruçar-se sobre o conto “Adão e Eva no Paraíso” (1988), de Eça de Queiroz, não se esculpe em uma tarefa de fácil manejo, dadas as características principais da linguagem deste escritor e da maneira como ornamenta, ora explícita ora implicitamente, críticas irônicas a instituições sociais portuguesas vigentes no século XIX. Longe de quaisquer defesas de visões essencialistas e imbricadas, neste breve ensaio discorreremos, a partir de considerações e exemplificações do referido conto, sobre relações discursivas vistas na construção da estética realista em Eça de Queiroz.

Abordamos, assim, por meio de uma análise linguístico-literária inicial, tanto o potencial do conto para a compreensão do contexto sócio-histórico por que a Europa passava na segunda metade do século XIX, quanto questões relativas ao discurso e a maneira como este se presta à crítica literária acerca da realidade.

**REFERÊNCIAS**

- BARTHES, Roland. *Aula*. Trad. e posfácio Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Cultrix, 1977.
- BAKHTIN, Mikhail. *Questões de literatura e de estética: a teoria do romance*. 2.ed. São Paulo: Hucitec; UNESP, 1990.
- BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e filosofia da linguagem*. 7. ed. São Paulo: Hucitec, 1995.
- BENJAMIN, Walter. Sobre o conceito de história. In: BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política*. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- CAMÕES, Luís Vaz de [1572]. *Os lusíadas*. Edição comentada por Jane Tutikian, Organização, Apresentação e notas. Porto Alegre, RS: L&PM, 2018.
- CARVALHAL, Tânia Franco [1943]. *Literatura comparada*. 4.ed. rev. e ampliada. São Paulo: Ática, 2006.
- CORTÁZAR, Júlio. Alguns aspectos do conto. In: \_\_\_\_\_. *Obra crítica 2*. Trad. Paulina Wacht e Ari Roitman. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.
- DANTO, Arthur. *A transfiguração do lugar-comum: uma filosofia da arte*. Trad. Vera Pereira. São Paulo: Cosac Naify, 2005.
- GARRETT, Almeida [1846]. *Viagens na minha terra*. São Paulo: SESI – SP Editora, 2015.
- LOURENÇO, Eduardo. *O labirinto da saudade: psicanálise mítica do destino português*. Publicações Dom Quixote: Lisboa, 1978.
- NASCIMENTO, João Paulo da Silva; ARAÚJO, Danielle Reis. O partido dos deuses: um ensaio sobre a construção do discurso heroico a partir de figuras clássicas no canto I d’Os Lusíadas. *Revista Philologus*, Ano 26, n. 76, Rio de Janeiro: CiFEFiL, jan./abr. 2020.
- PIGLIA, Ricardo. *Formas breves*. Trad. José Marcos Mariani de Macedo. Editora Companhia das Letras. 2004.
- SANTOS, Nílvio Ourives dos. Eça de Queirós: realidade e realismo português. *Akrópolis*, Umarama, v.11, no .1, jan./mar. 2003.
- SEQUEIRA, Raul. Uma época duas literaturas. *Síntese 6*, Coimbra, 1940.
- QUEIROZ, Eça de. *O crime do Padre Amaro* [1875]. 25. ed. Rio de Janeiro: Ediouro, 2000.
- QUEIROZ, Eça de. *O primo Basílio* [1878]. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2004.



QUEIROZ, Eça de. Adão e Eva no Paraíso. In: \_\_\_\_. *Obras Completas de Eça de Queiroz*. Braga: Resomnia Editores, 1988.

**Recebido em:** 16 jun. 2021.

**Aceito em:** 02 jan. 2022.